



Transcorre a 14 o aniversário de S. Sria.

Melhor do que ninguém, é S. Sria o possuidor da interna inspiração que suscitam a consideração ou a saudade dos anos já passados de uma vida. Sem dúvida, a estreiteza e traição das palavras do vocabulário deixarão inatingido e intraduzido o sumo do licor e a quinta-essência da experiência íntima.

Condição da vida presente: parecemos ter saudade do que distante e vago nos aparece: assim nos aparecerá o próprio momento presente. E a pessoa de S. Sria, em sua pessoal irradiação, se nos mostra como quem tendo a consciência desta insuficiência. É onde nascem

as revoltas dos poetas, de cuja chispa S. Sria, é mestre.

Como é belo o que a fé nos ensina: após tal caminhada vaga entre sombras insatisfeitas, o tempo virá em que os limoeiros refloram, voltem as andorinhas e as palavras deixem de trair; assustadas a um canto, presenciarão a volta densa e a condensação unificada e exultante de tudo o que se afigurava passado para sempre. Alguém fará o homem encontrar diretamente a si mesmo e a tudo. A poesia, não mais um verso; será uma visão.

Mas a 14 de Outubro, aquela caminhada ouviu uma porção de palmas e o caminhante se voltou. Aí percebeu o velho colégio e a rapa-

Excursão Cultural do Grêmio Padre Schrader

O Grêmio Em Frusque

Risonha cidade, no riso cheio de personalidade das suas inúmeras indústrias, que o dever impõem de colocá-la no rol das admirações catarinenses.

Brusque se nos apresentou com o sabor novo de coisa desconhecida e cobçada. No Hotel Procher, após indagações, arranjos e regateios, desembarcamos, indo porém refocilar-nos num café. Cansaço! Mas a soirée do Clube Paysandú, apenas noticiada o dissipou. A gentileza única de seu tesoureiro nos dadiava franco acesso ao salão polvilhado de lours, com

apenas alguns pontos esparsos de morenas. Apresentações em surdina, encontros marcados para o dia seguinte, irresistível simpatia do peso dos olhares curiosos de dançarinas entusiasmadas, e Ademí já a dançar com loura brusquense, nem bem ainda começara a música. Manhã seguinte, 7 de Setembro. Sob o prestígio do digno Sr. Inspetor Municipal, Sr. Oscar Krieger e mais de nosso colega Martin Renaux, acercamo-nos do dinâmico Prefeito, do industrial Paulo Bianchini e do Dr. Guilherme Renaux, Presidente da Câmara



ra Municipal e Diretor das "Fábricas Renaux", que assistiam à parada da mocidade. Preciosos contactos.

Em pouco, éramos sabedores da situação financeira do município,

ziada a ovacionar o seu estimadíssimo Sr. Inspetor. Inúmeros votos de felicidade "ad multos annos", a que muitas gerações possa ver de alunos iniciando sua caminhada sob a Inspectoria do Dd. Sr. Antenor Moraes.

de sua produção, em especial, do número e produção das Indústrias Renaux, junto com as avançadas idéias sociais de auxílio e assistência aos empregados que aí se concretizam. Por cúmulo de primores, a alma grande de Dr. Renaux nos ofereceu prontamente a estadia paga em nosso hotel por sua conta, entrando assim na galeria dos vultos notáveis a quem deva o Grêmio P. Schrader suas coisas. Às 15 horas, por convite do R. P. Diretor do estabelecimento, visita ao Colégio de

(continúa na 2ª página)

Excursão Cultural do Grêmio Padre Schrader

(conclusão da 1ª página)

Azambuja: salas excelentes, o excelente museu, a capela, o dormitório, a criação de coelhos e ainda os deleitosos jogos de volei entre fortes equipes. À noite, solenidade cívica a que nos convidara a atenção do Sr. Prefeito. No reservado às autoridades, tomaram lugar o R. P. Lutterbeck, o Presidente e o Secretário. Lincoln Mendes e Fernando Bastos desataram jubilosamente a palavra saudante para com a sociedade brusquense. Outro primoroso convite faz-nos reunidos à mesa de frios e chop, na residência do Ilmo. Sr. Prefeito. Manhã seguinte: nosso alvo principal, o percurso através das Indústrias Fenaux, inicia-se sob a guia de nosso colega Martin. Às 11,30, acompanha-nos à redação do Correio Brusquense o Sr. Oscar Krieger. E o Sr. Diretor Gerente, Sr. João Medeiros Vieira, nos conduziu à Estação de Rádio Araguaia. Ambos esses amigos, por nossa insistência, deram-nos sua presença, à hora de almoçarmos.

Lincoln Mendes

UM SETE DE SETEMBRO EM BRUSQUE

Gentilmente convidou-nos a colocar-nos no lugar de honra o Ilmo. Sr. Inspetor Escolar. Após vilhão nacional pelo Ilmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal, desfilaram com garbo as escolas e associações cívico-militares. A nossos olhos, sob estrepitoso somido de tambores e cornetas, passou a pujança e sanidade corporal e espiritual de uma juventude, que, unindo seus ideais pátrios aos ideais supremos de Deus, constroí o futuro do Brasil.

Vimos vibrar o alto espírito patriótico de um povo sóbrio e nobre, a trabalhar concretamente para a edificação da força e da independência de um Brasil. Brusque em festa! glorificando as figuras que no passado elevaram e honraram com sapiência, sacrifício e abnegação o nome nacional. São celebrados os nomes de Tiradentes, de Pedro I, de Caxias e de tantos outros. Sessão solene, à noite, no C. A. C. Renaux, presentes todas as autoridades e vibrantes novas vozes de civismo brasileiro. Representou-se o Grêmio, convidado pelo Ilmo. Sr. Inspetor Escolar, em Lincoln Mendes e Fernando Bastos, tendo aquele orador falado sobre P. Schrader, figura inesquecível para com a juventude catarinense e das benemerências do Cônsul Carlos Renaux para com Brusque, cujo progressismo saltante aos olhos dos visitantes origina-se na cidadã personalidade imorredoura. Dois veros construtores materiais, intelectuais e morais da pátria.

Evaldo José Ramos Schaefer.

NAS FÁBRICAS RENAUX

Levantáramos cedo naquela Segunda-Feira, para notarmos uma transformação radical na Brusque calmamente domingueira da véspera, Brusque agora agitada num só pensamento das mentes do seu povo: Trabalhar! E, por entre suas ruas barulhentas, encaminhamos a visitar as afamadas Indústrias Renaux. Recebidos pela gentileza, deparamos logo com um espetáculo tão deslumbrante quanto novo para nós. Em meio a uma barulheira sadiamente en-

surdecadora para chegadiços, trabalhavam centenas e centenas de homens e mulheres. Logo percorríamos as dependências daquele reduto industrial, onde ficamos conhecedores das diversas seções, a de fiação, a de tecelagem, onde se beneficia o fio e confeccionam os tecidos. Estarrecidos na observação da rapidez e precisão dos operários no trabalho. Semblantes que demonstravam uma visível satisfação no desempenho da tarefa, a demonstração de terem de seus chefes o tratamento que se chama aprêgo cuidadoso e remuneração condigna. Apreciando as coisas todas sucessivas, decorremos aquela manhã. E pouco tínhamos ainda visto. À tarde continuamos o visitar, o observar, o admirar, o aprender. A sempre mesma cordial acolhida. Prenderam-no especial atenção as lavagens e tinturas do tecido, pela maravilhosa ostentação de ciência e acabado modernismo. E assim pelos pavilhões enfora. Indústrias Textéis Renaux, a impressão que nos causastes foi dominadora, estimulante e bela na beleza do retrato mental, moral e inapagável que aí se revela: Sr. Cônsul Carlos Renaux e mais os grandes filhos.

Fernando Bastos.

TÓPICOS DE ESTUDO ETNICO, ECONÔMICO E SOCIAL

de K. Loqui.

No exame da história, constatamos que o progresso de um povo tem suas bases sobre a religião. Quanto maior liberdade e harmonia religiosa tem um povo, tanto maior é o seu progresso. Assim vemos que Brusque, vivendo num regime de liberdade e tolerância religiosa, alcançou um tão alto nível econômico que só bem poucas comunas catarinenses a podem igualar. Assenta-se a economia do município na indústria, no comércio e na lavoura. O parque industrial de Brusque é dos maiores e mais promissores do estado.

Indústria Fabril: Móveis, malas, pastas e cartapassos, bolas de futebol, acolchoados e colchões, massas alimentícias, conservas de frutas e legumes, cigarritos, produtos farmacêuticos, féculas, polvilhos, vinagre, tijolos e telhas, etc.

Indústria Textil: Neste ramo, destacam-se as Indústrias Consul Carlos Renaux, as quais mobilizam nas suas diversas seções milhares e milhares de braços, quer masculinos quer femininos.

Indústria Extrativa: Madeiras, pedras calcárias e ouro.

Indústria Pastoral: Charque, manteiga e queijo.

Quanto ao comércio e lavoura vemos que os mesmos desenvolvem-se paralelamente com as indústrias.

No tocante a economia, constatamos que o nível de vida do povo de Brusque é mais ou menos elevado, isto é alcança sem favor, o padrão médio da vida dos povos. Bairros pobres, não encontramos em Brusque, maltrapilhos, também não. Todos, homens, mulheres e crianças trabalham, lutam e se mantêm.

Nos reveses da sorte, o povo trabalhador de Brusque encontra nas instituições sociais o lenitivo para seus males. Essas instituições sociais são tantas e tão bem servidas pela sociedade local, que o trabalhador vê nelas uma garantia para o seu futuro.

ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA COLEGIAL, UMA VAGA RECORDAÇÃO

Por Mario Freyesleben

(especial para "O COLEGIAL")

Dentre todos os estabelecimentos de ensino existentes nesta capital, o Colégio Catarinense sobressai-se como um dos maiores centros esportivos estudantis, praticando diversas modalidades de esportes, tais como, basket-ball, volley-ball, tênis de quadra, tênis de mesa, exercícios físicos e o foot-ball, este último praticado diariamente pela maioria dos jovens estudantes. Dentre os diversos "teams" existentes no referido educandário jesuíta, o que mais se salientou foi o inesquecível A. D. COLEGIAL, que disputando o campeonato de amadores do ano findo, patrocinado pela Federação Catarinense de Desportos, conseguiu realizar grandes e maravilhosos feitos, conseguindo derrotar os maiores clubes que militam no cenário esportivo da ilha, merecendo por parte da imprensa, a honrosa alcunha de "O Fantasma de 47". Após disputar brilhantemente no ano passado, o campeonato citadino, abatendo adversários categorizados, como um Figueirense, um Avaí, um Atlético, um Caravana do Ar etc., e conseguindo uma colocação deveras honrosa para um grêmio que inicia sua carreira no nosso "Association", o A. D. COLEGIAL foi extinguido por completo, pois, com a mudança do regime amador para o profissional, a jovem e promissora agremiação não pôde dispor das finanças necessárias para manter-se filiado à Federação e disputar o "certamen" do corrente ano junto aos seus co-irmãos, deixando desta maneira uma grande lacuna nos corações de seus admiradores que não eram poucos, deixando, assim, de contribuir para o maior brilho dos esportes catarinenses.

O COLEGIAL nasceu no Colégio Catarinense, e surgidos dos gramados deste estabelecimento, tem brilhado, no cenário futebolístico da cidade, grandes elementos como: Ivany, Niltinho, Lauro, Bitinho, Boos, Getúlio, Nazareno, Brognoli, Gil, Katicips e tantos outros. A turma integrante do COLEGIAL, fazia maravilhas com a bola nos pés, e, eram os ídolos da torcida estudantil, conseguindo "polarizar" as atenções do público esportivo ilhéu. Todos gostavam de vê-los jogar e, dia a dia, o COLEGIAL arrecadava centenas de "fans". Os integrantes do "onze" alvi-celeste nunca fizeram exigências quanto à parte monetária; jogavam apenas por amor à camisa, coisa que atualmente é muito difícil encontrar no foot-ball brasileiro. Deste modo, o COLEGIAL fazia do esporte, um meio de contribuição eficaz para a formação dos futuros "players" de amanhã. Era por assim dizer um grande e valioso berço de "craks" futuros. Mas, após seu estrondoso sucesso no campeonato de 47, onde conseguiu um grande prestígio, tudo terminou, restando somente hoje, uma vaga e grata recordação do que foi a Associação Desportiva Colegial, sob a direção do inesquecível e sempre lembrado

Concluindo, consignam os excursionistas aqui seus nomes, afim de apresentar dois máximos e comovidos agradecimentos, ao Exmo. Presidente do Estado, Dr. José Boabaid, que em palácio recebeu os excursionistas, outorgando-lhes uma caminhonete, e o Ilmo. Dr. Guilherme Renaux que com mão fidalga custeou a estadia em Brusque.

Padre Jorge Alfredo Lutterbeck S. J., Lincoln Mender, Walter Laibes, Fernando Bastos, Ademí Pereira de Abreu, Evaldo José Ramos Schaefer, Angelo Orofino, Moacir Mondardo, Martin Melcop, Hélio Abreu, José Daux.

O QUE ELA VIU E O QUE ELA NÃO VIU

Cuidado! Ai! quase que aquele motorista malvado me mata.

Seu guarda! seu guarda! aquele motorista quiz me matar!

— Calma, minha senhora... vamos ver... a senhora olhou bem o automóvel?

— Não era automóvel! Era uma baratinha!

— Bem, minha senhora... viu de que cor era o carro?

— Como podia ver?!

— Calma... descanse... viu a chapa?

— Impossível! se ele veio como um maluco contra mim!

— Relax... a senhora não machucou-se, acho eu?

— Não me machuquei. Coitado daquele estupor, se me tivesse pisado!

— A senhora é capaz de reconhecer o motorista?

— O senhor está brincando?!

— Bem, minha senhora, então se a senhora não notou nada da baratinha nem nada que se relacione com ela, como posso tomar providências?

— Mas eu notei, viu!

Notei, que junto com o motorista ia uma mulher de mais ou menos 25 anos, cabelos cortados à ilusão, brincos de ouro, com 2 pequenos rubis (acho que são falsos), nariz bem feito, olhos brilhantes, com crayon demais nas sobrancelhas o ruço estava bem colocado. Eu acho que ela usava baton Colgate; o queixo dela é parecido com o da Yvone de Carlo. Usava uma blusa...

Chega minha senhora... a senhora está presa por parar no meio de uma via pública e interromper o trânsito!!!

Ademí, 2º Científico.

UM MALICIOSO

— Eis que já são dois meses que já sei quem é o ladrão de meu automóvel...

Que espera você para denunciar?...

— Que todos os consertos estejam feitos.

AMIZADE

A costureira: — Madama não está satisfeita de seu vestido... então, madama, não me fará mais encomendas?

A cliente: — Não... mas eu recomendarei a senhora às minhas amigas.

do padre NUNES, do padre HENRIQUE, dois denodados sacerdotes que muito fizeram, que muito batalharam, para encher o jovem "team" do Colégio Catarinense de glórias imorredouras, para vê-lo figurar entre os mais poderosos clubes de SANTA CATARINA, quicá do BRASIL. Hoje já não se nota no "stadium" da rua Bocaiuva, aquela torcida infernal do Colégio Catarinense, que torcia, vibrava pelos seus fans, pelo clube que representava o educandário mais querido da cidade. Agora, porém, somente perduram na mente daqueles torcedores, as recordações, as grandes sensações que passaram naquelas tardes tagueiras, não embaixo das laranjeiras, mas, no estádio da F. C. D., ao contemplar o COLEGIAL ao contemplar o "Colegial" disputando o cetro máximo do foot-ball citadino, quando entrava em campo para defender o prestígio dos esportes no Colégio Catarinense.

O COLEGIAL nasceu, viu, vendeu mas, não desapareceu totalmente. Ele deixou sementes, e delas vincará muito breve, um novo COLEGIAL, que, como o primeiro, pretende cobrir-se de glórias, brindar seus torcedores com um reaparecimento glorioso.

JOGOS OLÍMPICOS EM HONRA
AO PADRE DIRETOR

Neste ano, além do futebol, houve jogos de basket, volei, saltos com vara, em distância e altura, corridas de fundo, de 100 e 200 metros rasos, revezamento, corrida de bicicleta e lançamento de dardo, peso, e disco.

O que incentivou muitíssimo o entusiasmo de todos os alunos, quer do ginásio, quer do científico, foram as belíssimas medalhas oferecidas generosamente pelo Rev. P. Diretor, e as 4 taças ofertadas pelos nossos amigos, deputado Dr. Bulcão Viana, Dr. Saulo Ramos e Coronel Lopes Vieira, às três equipes do científico, Terceiros e quartos ginásiais e primeiras e segundas séries. A quarta taça foi a oferecida pelo Prof. Dr. Anibal Nunes Pires ao vencedor absoluto nas provas ciclísticas.

Sem dúvida alguma, foi uma festa desportiva de grande realce. E, se a festa foi das mais brilhantes sob todos os aspectos e sob todos os pontos de vista, deve-se louvar aos seus organizadores que souberam dar-lhe um cunho todo especial, e também ao esforço, à lealdade de todos os atletas que compreenderam que só a boa educação esportiva, o cavalheirismo, o esforço, o entusiasmo leal podem engrandecer o esporte e colaborar para a saúde do corpo. Mais uma vez, o autor destas linhas, vivamente emocionado como acontecera por ocasião do torneio de Santo Inácio, envia suas mais sinceras felicitações a todos os atletas que condignamente souberam engrandecer suas séries e aumentar o prestígio do Colégio Catarinense, que indubitavelmente é enorme. Aos vencedores, as minhas felicitações pelas vitórias obtidas.

A todos que colaboraram pelo excepcional brilhantismo da festa desportiva, mais uma vez envio felicitações. Que procurem em outras oportunidades como esta dar o seu apoio para que o esporte no colégio seja um meio de aperfeiçoamento físico e também, porque não dizer? da educação e da lealdade em disputas desportivas.

Jorge Cherem, 3º B.

OS VENCEDORES

Em BASKET: Apresentaram-se equipes do 3º Científico, Errante, Tin-Tan, 1º Cient., 3º B, 2º Cient e Internato. O último jogo entre o 3º e o 1º Cient. foi muito movimentado. Depois de estes dois terem disputado várias partidas de Basket e de volei, os veteranos não desmereceram, conquistando galhardamente o título de campeões de basket. A primeira partida entre estas duas equipes terminou com um empate acirrado. Feito o prolongamento, o 3º Cient. venceu o adversário por 24 a 17. Quadro vencedor: Salum, Tonolli, Zenon, Huri, Sidney.

Em VOLEI: Os quadros: Internato, 3º Cient., 2º Cient., 3º B e Errante. Sagrou-se vencedor o 2º Cient., composto dos seguintes elementos: Cláudio, Rubens, Arno, Pedro Luis, Nauro e Airton. Pontos da última partida: 2º Cient. 2 x 1 do 3º Cient.

Devemos destacar a brilhante atuação dos juizes, em volei: P. Henrique e Ademir Abreu, e em Basket — de Francisco Salles dos Reis, Wilson Elias, Waldir Campos e Hélio Rosa.

FUTEBOL: Entre as diversas séries do ginásio, realizou-se o costumeiro torneio.

Sairam vencedoras as seguintes aulas: 3º B, que abateu o 3º C por 3 x 1. Equipe vencedora: Salim, Ciro e Galo. Ademir, Miguel e Luís Fernando; Bossinha, Oni, Rosinha, Collaço e Miguel. Nas segundas séries, venceu o 2º A, que abateu o 2º B por 4 x 0 e o 2º C por 2 a 1. (golo de penalty). Equipe vencedora: Delbi, Juca e Naure; Nelson, Petrelli e Hortêncio;

CORRIDA DE BICICLETA

A disputa de uma outorgada pelo prof. Dr. Anibal Nunes Pires foi vencida pelo 2º anista do curso colegial: Werner Scheidemantel, o qual completou o percurso de mil metros e um minuto e trinta e quatro segundos. 2º lugar: Emílio Lucas, em 1 minuto e 38 segundos; 3º lugar: Paulo Guimarães: 1,38 e 2/5; 4º lugar: Nelson Mello: 1,39 e 1/5. 5º lugar: João Sallum: 1,41.

E muitos outros, cujos nomes aqui longo seria enumerar — credores fazem-se de aplauso e reconhecimento.

CORRIDA DE FUNDO

Efetou-se no mesmo traje o percorrido pelos ciclistas. No curso colegial, foram vencedores: 1º lugar — Ademir, com 2 minutos; 2º — Wilson Cardoso; 3º — Deoclécio. Curso Ginásial: 1º — Kalil; 2º Assuero Dias; 3º Joaquim Abreu; 4º Sérgio Freira; 5º — Virgílio Cardoso.

As demais provas de atletismo foram, por motivo de tempo escasso, adiadas para o sábado seguinte. O resultado final de toda a Olimpíada será fornecido na próxima edição desta folha. Desde já, muito agradecemos aos insígnis benfeitores que, generosamente, ofereceram valiosos prêmios, não só às equipes vencedoras, mas também aos vencedores individuais de cada prova.

2º e 3º CIENT. X 1º CIENT.

Às 4,30 da tarde, o P. Diretor, deu o "kick off", iniciando o jogo de futebol entre os ditos cursos. O 3º Cient. venceu facilmente o seu adversário, por seis a dois. Os veteranos assim se constituíram: Passarinho, Rubens e Ademir; Pedro, Tonolli e Sallum; João Maria, Airton, Nauro, Himi e Zenon. Os vencedores conquistaram pelo seu esforço um belíssimo jogo de medalhas.

O UNIVERSAL ABATE O
CORINTIANS

Por Jorge Cherem

Naquela tarde, no campo da liga Média, teve prosseguimento com o Clássico Corinthians x Universal, o certame oficial da liguinha.

O cotejo agradou plenamente e confirmou tudo o que dele era esperado: os dois quadros atiraram-se à luta com grande entusiasmo, dando ao match um colorido excepcional. Oe parte a parte, foram executadas jogadas de verdadeiros mestres do Association.

Em suma, Universal e Corinthians, souberam honrar as tradições desse clássico, que se tornou dentro do Colégio, o Clássico dos impressionantes, pondo sempre em polvora as retaguardas adversárias.

Os quadros atuaram assim constituídos:

Universal — Fausto; Leon e Nado; Pereira, Hamilton, e Manéca; Leônidas, Jorge, Paulinho, Fernando e Forrado.

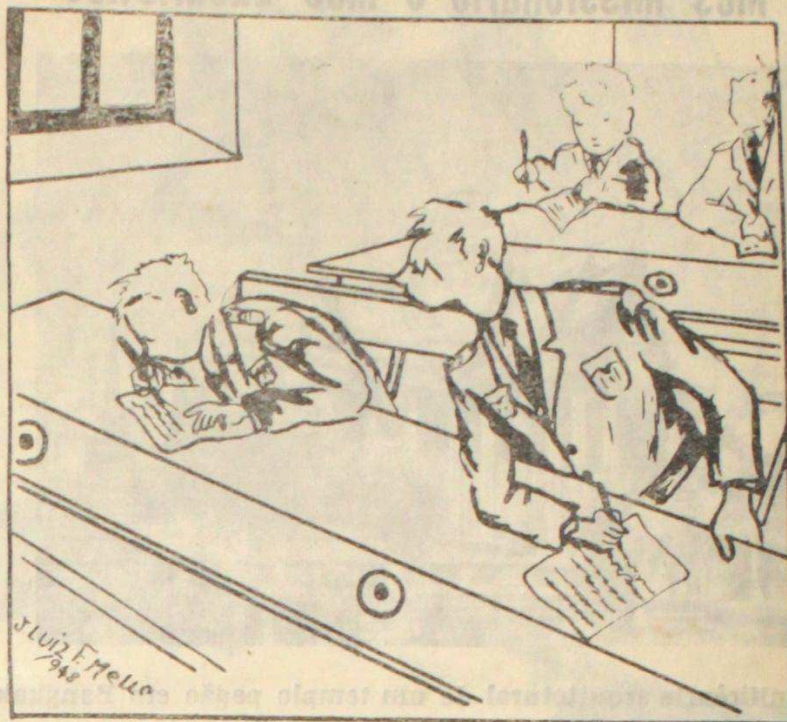
Corinthians — Guido; Hamilton e Ferrari; Gringo (Aldo), Joel e Lourival; Hélio, Adércio, Medeiros, Colaço e Ronaldo.

Goleadores: Para o Universal — Leônidas — Fernando e Paulinho. Para o Corinthians — Guido (penalti) e Medeiros.

Juiz: Ciro Soncini com boa atuação.

Stadler, Dilor, Adilton, Ramos e Baíha. No 1º Ginásial, venceu o primeiro B. Equipe vencedora: Emílio, Fausto e Walter; Tatinha, Azambuja e Apóstolo; Katcips, Fernando, Alcino, Vieira e Baptista. Esta série venceu o 1º C por um a zero, e o 1º por 1 a zero.

CENA RARÍSSIMA



Um se vira, pensando não ser visto;
Outro pensa sem ver que virou tudo
Na prova, enquanto aos dois "virados" mudo
Vê o mestre, pensando no fim disto.

Salto de Vara

Devido à nímia gentileza do ex-aluno Sr. Silvio Soncini, cedendo-nos uma vara de salto, foi-nos possível realizar esta prova pela primeira vez, no Colégio Catarinense. No curso Cient., venceu galhardamente Ubaldo Santos, saltando 2 metros e sessenta, seguido de seu colega Edgar Medeiros Vieira. No curso Ginásial, conquistou o 1º lugar — Ciro Soncini, do 3º B, saltando dois metros e 45. Em segundo lugar, vem Lélis Balod, com 2,40 metros. 3º lugar — Levi Mendonça e Saul Damiani, com 2,40 metros.

A ERUPÇÃO DO VESÚVIO

Vejam os Plínios, cedendo-nos uma vara de salto, foi-nos possível realizar esta prova pela primeira vez, no Colégio Catarinense.

Missena, um dos mais frequentados lugares de veraneio da antiga capital do já desaparecido império romano, ficava a 15 km. a sudoeste de Nápoles.

Possuam aí uma bela e luxuosa vila os Plínios, que lá iam gozar suas férias.

Corria o ano de 79 (D. C.). Eram 7 horas da manhã e em vez do sol que iluminasse a esplêndida baía azul, rompia a custo um clarear sepulcral de madrugada. Recresciam os abalos, aluiam-se as paredes, ouviam-se a distância os gritos da população desesperada; ao longe o Vesúvio soltava uma imensa e terrível nuvem de fumo, dando o aspecto dum enorme pinheiro!

Achava-se Plínio sentado em seu escritório, quando irrompe sala adentro um assustado criado, com a terrível notícia do desaparecimento de seu tio, o Almirante. Era forçoso abandonar a vila ou todos pereceriam soterrados. Ao deixarem o povoado, pararam incertos. Plínio, com sua mãe aos braços, esforçava-se e esperava que ela pudesse seguir com ele para longe dali, nalguns carros que tinham mandado atrelar. Mas, impossível foi, pois os sacões do solo transmitiam-se ao carro, impossibilitando-o de rodar. Não tardou que a nuvem negra abaixasse, encobrindo os horizontes, o mar ao longe, a ilha de Capri e até o próximo cabo Miseno.

Petrificados de susto, ali ficaram os dois no meio da turba aos gritos. A mãe exortava o filho para que fugisse e a deixasse. E o manco, desobediente pela primeira vez, só respondia: sem ti! fugir eu! Não, minha mãe, ou salvar-me contigo ou morrer. Mãe! enquan-

to é possível vislumbrar o caminho, tomemos um atalho, deixemos a multidão de foragidos que nos pode esmagar. E assim fizeram, mas a escuridão era enorme: dizer que parecia uma noite sem luar é pouco; parecia um carcere sem luz, onde só se ouviam gemidos de mulheres, choro de crianças, brados de homens desesperados; aqui, um pai que chamava um filho, acolá, vozeavam um pelo outro dois esposos perdidos. Chuvas de pedras e cinzas ameaçavam submergir a multidão. Passadas horas, foi-se desvanecendo a fumaceira, apareceu a luz do dia, mas frouxa e indecisa, a alumiá-la ao redor as terras cobertas de um manto encinzado.

Tornaram enfim mãe e filho aos seus lares e aí ficaram entregues à sua dor e ansiosos por novas do querido ausente, que infelizmente não haveria mais de voltar.

Nelson Nunes, 3º Ano B.

LEIA E SORRIA
UM RECIBO

O médico, apresentando a nota ao irmão do defunto que tinha tratado.

— Vou-vos dar um recibo?

— Não é necessário; a morte de meu irmão demonstrou suficientemente que foi o senhor que lhe dispensou cuidados.

UM EXEMPLO

Sra. Souza: "Doutor, aquele vidro de remédio que o senhor receitou para o bebê, acabou-se".

Doutor: Impossível! Eu lhe disse para dar-lhe uma colher de chá, de hora em hora!

Sra. Souza: "Sim; mas meu marido, eu, minha mãe e a babá tinha cada qual de tomar uma colher também, para induzir nossa criança a tomá-lo".

UMA INTERPRETAÇÃO
ORIGINAL

Pessimismo e optimismo são dois irmãos inimigos que a gente muitas vezes pintou... Mas jamais, talvez, com a originalidade de interpretação deste deputado inglês que, na Câmara dos Comuns, declarou:

— O optimismo e o pessimismo são dois estados d'alma. Coloquei uma garrafa de whisky, cheia até a metade, diante de dois homens.

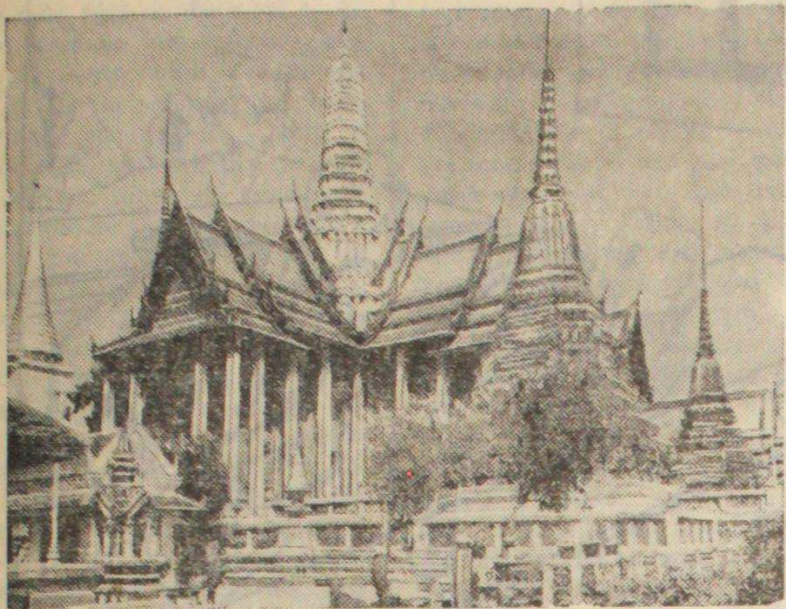
O optimista declarou:

— Que felicidade!... A garrafa está cheia até a metade!...

— E o pessimista generoso:

— Que desgraça!... Sou mesmo aziago. A garrafa está vazia até a metade.

Mês Missionário e Mês Eucarístico



Magnificência arquitetural de um templo pagão em Bangkok

Já muitos séculos antes do advento do cristianismo, as pirâmides do Egito, os jardins suspensos de Babilônia, os grandes palácios da Pérsia e os lendários já tetos de ouro e prata com as paredes inteiramente de mármore dos templos da Índia, para também não dizer o templo do sol, na China — constituíam, monumentavam e testemunhavam uma altura de arte e civilização a que não faziam falta as lições de arte e civilização dos cristãos. Teremos, em nossa civilização, visto passarem-se de boca em boca durante mil anos, antes de se escreverem, poemas e cantos epopeicos, como se cantaram e passaram entre os povos indus antiquíssimos?

Que pretensões, pois, levarão consigo os missionários endereçados ao Oriente? Que pretendem para o Oriente junto ao demais mundo missionário as intenções de nossas esmolas de Outubro?

As esmolas são gratuitas e os missionários também levarão a religião gratuitamente, junto com os gratuitos préstimos dos hospitais, dos lazaretos e das escolas. Mas qual o dom supremamente gratuito? O que também de graça foi dado antes aos cristãos! Os missionários, pois, não levarão arte ou cultura, mas o que a qualquer arte ou cultura se sobre-eleva. Levarão de graça o que sobre-eleva o homem artista e culto às próprias possibilidades de sua humana natureza; o que o eleva sobre os anjos, possibilitando-lhe na hora vitoriosa de seu destino a visão rosto a rosto da divina natureza e das tres Pessoas divinas. Levarão de graça a graça.

E como sacerdotes, as fontes da graça levarão: os sacramentos.

Enquanto, auxiliados por nossos donativos, os missionários levam a Cristo e sua graça, o Brasil se apresta multifariamente para elevar, dentro em suas fronteiras, a Cristo autor da graça no Sacramento da Eucaristia. Realizar-se-á em Porto Alegre mais um Congresso Eucarístico nacional. O Colegial, em nome dos alunos que representa, protesta-se em adoração deslumbrada, diante do Sacramento dos Sacramentos. Os mundos de mistério e maravilha que aí se conteem, talvez os dê melhor a entender o 2º Canto do Paraíso, daquele caminheiro elevado às esferas do Empíreo pelos olhos de Beatriz (a Teologia), nos quais tem fixos os seus, ao passo que são dissuadidas de segui-lo as almas de pensamentos medíocres ou acanhados.

O voi che siete in piccioletta barca,
desiderosi d'ascoltar, seguiti
dietro al mio legno che cantando varca,

Oh vós que numa barca pequenina
seguistes, desejosos de escutar,
empós à barca que cantando singra,
tornai a rever logo as vossas praias,
não vos metais no pélagio; perdendo-me,
quem sabe! no extravio vos perderieis.
Tornate a riveder li vostri liti,
non vi mettete in pelago; che forse,
perdendo me, rimarreste smarriti.
L'acqua ch'io prendo giammai non si corse:
Minerva spira, e conducemí Apollo,
E nuove Muse mi dimostraran l'Orse.
Corto as águas jamais dantes cortadas:
Minerva sopra-me, e conduz-me Apollo,
Por Musas nove as Ursas são mostradas.
Vós outros poucos que a cabeça alçastes
desde anos tenros para o Pão dos Anjos,
do qual se vive aqui, mas sem saciar-se,
meter podeis bem pelo mar profundo
vosso navio, guardando o sulco meu,
antes de, voltando a água, ele apagar-se.
Voi altri pochi, che drizzaste il collo
Per tempo al pan degli Angeli, del quale
Vivesi qui, ma non sen vien satollo,
Metter potete ben per l'alto sale
Vostro navigio, servando mio solco
Dinanzi all'acqua che ritorna eguale.

Se este pão dos Anjos, entende-o o poeta da contemplação de Deus e das coisas divinas, não pode contudo ser considerado menos apto que com o mesmo não cantemos o Pão Eucarístico dos homens, colocados, no dizer de Pascal, entre os anjos e os brutos (animais). Para que não descambemos para os brutos, enfunemos nossa debil barquinha em direção ao Pão dos anjos que nos angeliza, sem o qual logo tombaremos de fome e de fraqueza nas baixadas e baixezas do caminho, se não nos destruírem os baixios do mar.

NB. final: Minerva simboliza a filosofia; Apolo a poesia; Beatriz (a Teologia) descera à montanha do Purgatório e agora se re-eleva às esferas do Paraíso, elevando consigo, na imperceptível velocidade do pensamento, o grande e humilde peregrino que fita os olhos nos seus olhos.

INVOCAÇÃO

Um artista trabalha e o seu filhinho chora...
A mãe já não tem leite, o pai já não tem pão.
Desde a noite lutou até ao romper da aurora,
Tem o peito cansado e tem calosa a mão.

Ai, anjo pequenino, a noite já não tarda,
Tua mãe a chorar implora alguém da altura.
Ai, se não vem depressa o teu anjo da guarda,
Será teu berço em breve a negra sepultura.

Senhora! — Vós que sois a mãe de Jesus Cristo
E vós também José que fostes operário,
Dêem, senhores do céu, um só consolo a isto,
Fazei com que essa mãe vos traga no rosário.

Fazei com que ela beije o Cristo sobre a cruz
Nas horas de aflição, nas horas de deleite.
Fazei-a amar a Deus, fazei-a amar a luz...

— Ó Pai, — mandai o pão! Ó Mãe, — mandai o leite!
Antenor Moraes

"Versos Antigos".



Oferta de um dos nossos desenhistas:

Sr. Dr. Nerêu Ramos, Vice-presidente do Brasil e filho de um dos imorredouros beneméritos fundadores de nosso colégio, o Sr. Coronel Vidal de Oliveira Ramos.

NÃO QUERO TER NENHUM AMIGO

Lope Vega

Eu sempre disse, eu o direi e o digo,
Que é a amizade o maior bem humano;
Mas! que espanhol, ou grego, ou que romano
Nos há de dar este perfeito amigo?

Louvo, reverencio, amo, bendigo
Aquele a quem a eterna, alta Mansão
Deu amigo perfeito; e não em vão:
Foi liberal, confesso, Ela comigo.

Termos um grande amigo que obrigado
Nos fica — é o sumo bem! Estremecê-lo
Ter-lhe a alma, o bem e o mal, tudo entregado.

Mas eu quero — por que? — viver sem tê-lo!
— Não quero a glória, não, de o ter ganhado,
... Para não ter o medo de perdê-lo!

(Trad. de Luis Acastro Guimarães Gonçalves, 4ª série B.).